

POESIA FUNDÃO 2015

1. **545. SAL 1**¹ **LUCIANO**

sempre que vou ao mar
na boca fica-me um travo a sal
sempre que vou à galiza
os lábios falam-me de portugal
e em goa, timor ou macau
no brasil ou cochinchina
nunca me sinto mal

sândalo, cravinho e canela
arroz-doce, bebinca, balachão
a língua que nos une tem sal
nela me deito e me deixo vogar

nesse oceano da lusofonia
sem ventos nem adamastores
navegam todas as naus
todos irmãos num só mar
bandeiras do mundo sem passaporte

esta a nossa cantiga de embalar
sonhos, utopias por provar.

2. **559. ALABOTE 2, (AO VASCO P DA COSTA E EDUARDO.B.PINTO)**² **CONCHA**

o mar de novo
e sempre
as ondas e a espuma
sem sabor a maresia
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar
numa ilha

3. **590. A ALMA DOS POETAS,**³ **CHRYL**

não sei da alma dos poetas
nem mesmo da do ramos rosa
não conheço o cheiro da poesia
nem mesmo do nuno júdice

nem sei a cor de qualquer verso
nem mesmo do alexandre o'neill
perco-me em mayakovsky
visito o uivo de allen ginsberg
por entre as denúncias de daniel filipe
e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas
não sei nem dos poetas
emigraram todos desgostosos
fugiram envergonhados
desta escravidão que nos impõem
destas grilhetas invisíveis
meros robôs em mundos alternativos
comandados à distância
dentro de um jogo de computador
a que insistimos em chamar vida
e alguém joga com ela
sem o sabermos

não sei da alma dos poetas
não sei dos poetas
não sei da vida

4. **568. SEM PERFUME DE CAJU, AO URBANO BETTENCOURT,**⁴ **LUCIANO**

na humidade da savana
no calor da tabanca
tange urbano a sua harpa
palavras aceradas como o vento são
batuque abafado na bolanha
longe do país de bufos e beatas⁵
traduzes as sílabas de morte e vida
rumores desse cheiro de áfrica
colado na pele que esfregas
com napalm e metralha
que nunca conseguiste lavar
nem com as chuvas da monção

5. **615. MAIS BRUMAS**⁶ **CONCHA**

eram de espuma
as palavras
eram de sal
as ondas

¹ junho 2012

² 16 agosto 2012

³ 3 JUNHO 2013

⁴ 18 janeiro 2013

⁵ in urbano áfrica frente e verso p. 62

⁶ 02 ago 2013

POESIA FUNDÃO 2015

eram de gaze
as nuvens
eram de orvalho
as lágrimas
eram de névoa
os montes
o verde surreal
as lagoas
eram de medos
os vulcões
e procissões
eram de espuma
as ilhas dos açores

6. 617. GEOMETRIAS,⁷ CHRYS

a elipse veio à janela
mordaz sorriu com malícia
lenta, descreveu um círculo
com um dichote brejeiro
triangulou um piscar de olho
e numa hipérbole sensual
com uma risada estrídula
sentou-se quadrada no meu colo

7. 574. SOLETRAS AUTONOMIA,⁸ LUCIANO

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraçado
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos
republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas
do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?

soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

8. 649. A CRUZ DA DEMOCRACIA, ,⁹ CONCHA

*primeiro puseram a cruz nas janelas
depois colaram cruces nas vestimentas
por fim, gravaram a cruz nas fronteiras*

*fechou portas e janelas
desligou as luzes a tv
esperou que se esquecessem dele*

*quando vieram não deu luta
nunca votava e nada sabia
dano colateral da democracia*

9. 576. ONDE OS AÇORES NÃO VOAM,¹⁰ CHRYS

tu que nasceste açoriano
nem vais acreditar
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate
não fui aos 2 mil anos de persépolis
não cacei leões na gorongosa
não comi chicharrinhos em rabo de peixe
não vi petra nem os budas de bamiyan
nem vi índios de roraima
não fumei ganza nas praias de goa
nem fui em adoração a katmandu
nunca cheguei a machu picchu
nem a hotel de gelo nórdico

⁷ 02 ago 2013

⁸ 14 abr 2013

⁹ 30 maio 2014

¹⁰ 16 abr 2013

POESIA FUNDÃO 2015

nadei na areia branca em dili
em cheoc van em coloane
em bondi de sydney
em kuta beach de bali
em pattaya tailandesa
no bidé das marquesas de s. martinho do porto
na praia azul de espinho
nas águas límpidas de daydream island
nas areias de byron bay
banhei as mãos em tijuca
as cataratas do niágara molharam-me
vi o sol a pôr-se na lapónia
e a nascer em bobonaro
vi sóis, luas, mares e céus
no faial, pico e flores
e nas 3 ilhas santas dos açores
nadei em rotnest island
comi em fremantle
dormi em towal creek comara
vivi em prahran e falls creek
waverley, centennial park
maroubra, coogee e randwick
cottesloe e claremont
lecidere em dili
leiria, tomar e mafra
campo lindo, maria pia e amial
sou de bragança sem lá ser parido
sou australiano sem lá ter nascido
carrego frações da galiza e do brasil
de cristãos novos e alemães
minhotos e marranos
das cruzadas até áfrica
onde nunca estive

e de todos esses locais
que terás de buscar num mapa
encontrei as tuas ilhas

nelas serei açoriano até morrer.

10. 596. DA MINHA JANELA, ¹¹ LUCIANO

*O mar é deus
As ondas a sua palavra
Os romeiros alimentam-se dela
(poema tuaregue adaptado aos açores)*

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão

11. 631. ILHAS, ¹² CONCHA

estar numa ilha
é como viver num cais
à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha
é sonhar
construir a jangada
desfraldar velas

estar numa ilha
é ir para o campo
plano e raso
à espera que construam
o aeroporto

a única forma
para viver numa ilha
é imaginá-la à saramago
como um continente à deriva

estar na ilha
é imaginar a fuga
sonhar com a saída
levá-la a reboque dos sonhos
embarcar nas nuvens
vogar na maré baixa
planar nas asas dos milhafres
e voltar sempre
ao ponto de partida

¹¹ 7 junho 2013

¹² moínhos, 20/8/2013

POESIA FUNDÃO 2015

12. **583. DIA DA MÃE #2, À NINI,**¹³ **CHRYL**

*Maria nini de todos mãe
Hoje é o teu dia
De filhos e filhas
Do marido também
Que não te sabia
Mãe destas ilhas
Que te querem bem*

*Mãe rima não tem
Pois mãe rima bem
Quando rima com mãe
Mãe é tão sublime
Que rima apenas com mãe*

*Maria nini de todos mãe
Disse um poeta
mãe não tem rima
É claro que rima tem
Com carinho e amor
Com este poema também
Com sofrimento e dor
Com beijos e lágrimas
Emoção, alegrias, cor
Mãe de rimas é cheia
Mulher das minhas folias
Até à última ceia*

*Maria nini de todos mãe
Cheiras a coco
Sabes a morangos
Nascida em lisboa
Casada em sydney
Trabalhas açorianidades
Neste mundo oco
Cheio de Djangos
Maria nini de todos mãe
Distribuis felicidades
Enquanto canto teu nome
Até ficar rouco*

*Maria nini de todos mãe
Hoje é o teu dia*

660. demo-cracia,¹⁴ **LUCIANO**

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império
depois finou-se a ditadura
hoje agoniza a democracia
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo
sonha-se poesia e utopia
como se ainda houvesse esperança
ou o político se vestisse de anjo
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

13. **602. REMINISCÊNCIAS, MOINHOS**¹⁵
CONCHA

quero regredir à infância
até aos anos da inocência
sonhos ingénuos e aspirações
tudo era bem mais simples e banal

sabíamos de onde vínhamos
repetíamos ciclos de antanho
havia quatro estações
tudo era bem mais simples e banal

estradas lentas com destinos certos
paragens em todos os apeadeiros
plantar uma árvore
escrever um livro
conceber um filho
tudo era bem mais simples e banal

sobreviver à guerra colonial
arranjar emprego
subir na vida a pulso
criar família e viver sacrifícios
e valia sempre a pena
tudo era bem mais simples e banal

¹³ 5 maio 2013

¹⁴ moinhos 29/8/2014

¹⁵ 22/06/2013

POESIA FUNDÃO 2015

14. **643. DELICODOCE,¹⁶ CHRYS**

diz a minha mãe
e eu creio nela
que duas tias
quando nasci
me deram muita
água açucarada
mesmo muitas
muitas vezes

está explicado o porquê
de eu ser uma criatura doce

15. **594. AUTONOMIAS NOMINAIS - FLA¹⁷,
LUCIANO**

*“para saberes quem te governa descobre
quem não podes criticar”*

Voltaire

hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

16. **667. ARCO-ÍRIS,¹⁸ CONCHA**

arco-do-céu
arco-da-chuva
arco-do-tempo
arco-da-água
arco-da-velha
arco-do-abraço
arco-de-deus
arco-celeste
arco-da-aliança
arco-da-virgem
arco-íris

na mitologia dos colóquios
há antropomorfismos
de íris a vénus

jovem e nascitura
metamorfose do arco-da-velha
somos a voz das lusofonias
da galiza a timor
do brasil aos açores
guia-nos mestre bechara
mestre malaca é timoneiro
todos divisamos futuro
no mastro do caráculo

17. **668 OUTRO CÉU,¹⁹
CHRYS**

rafid caminha seguro
sob o seu fez ou taburch
sem tremores nem medos
entra calmamente onde o mandaram
abre a túnica e todos veem
o cinto de explosivos
sobre o cirwal (ceroulas)
e com este gesto
partiu
em busca de 72 barbies no céu

¹⁶ 2 outº 2013
¹⁷ 6 junho 2013

¹⁸ seia 29 set 2014
¹⁹ lomba da maia 23 janeiro 2015

527. Leonor sem verdura nem frescura

16.11.2011 **CHRYS E LUCIANO**

Chrys Vale Tostões

Descalça vai para a farra
Leonor pela noitinha
Vai trémula pela cocaína

Leva preservativo na calcinha
Pílula do dia seguinte na bolsinha
Tanga de fina seda encarnada
Minissaia de cabedal rascote
Não usa sutiã no decote
A pele branca que nem neve pura
Vai trémula pela cocaína

Cantarola já rouca a garganta
Cabelo desgrenhado
Bandolete china de plástico usado
Tão pedrada que a todos espanta
Engole o ecstasy de graça tanta
Que dá graça à pouca gordura
Vai trémula pela cocaína

[Luís Vaz de Camões](#)

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamelote;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura.
Vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa e não segura.